



^x UM ESTUDO DA SOCIABILIDADE NÃO-HETEROSSEXUAL E SEUS DESDOBRAMENTOS POLÍTICOS-COTIDIANOS.

Caio Felipe Campos Cerqueira¹

Resumo: Os estudos feitos nos espaços de sociabilidade para gays no Brasil tendem a observar como se dão as relações nestes espaços tendo em vista o relacionamento entre diversos marcadores sociais de diferença e sua implicação na construção das identidades. Através da etnografia multi-situada, este trabalho visa observar a sociabilidade constituída a partir do encontro de diferentes em contextos que os qualificam como iguais, ou seja, em espaços tidos popularmente como “para gays” e “locais gays”. Tendo em vista que, pensar a sociabilidade como atividade lúdica entre equivalentes é está atento e levar em em considerações aspectos que recortam transversalmente as realidades (interseccionalidade), operando distinções e produzindo hierarquias.

Palavras-chave: sociabilidade, sexualidades, Salvador.

Introdução

O consumo atrelado a espaços de sociabilidade assume na contemporaneidade o papel de construtor de virtudes, comportamentos e identidades. Há quem afirme que a sociedade estaria diante da emergência do consumo como critério específico de legitimação dos diversos segmentos sociais (CANCLINI, 2001; DOUGLAS & ISHERWOOD, 2004; PRATES, 2005).

Embora a sociabilidade possa ser pensada como um momento lúdico (REZENDE, 2001), é importante levar em consideração que os elementos mobilizados nestas socializações são relativamente operados através de distinções muitas vezes bastante demarcadas, mas que podem se tornar ambivalentes em outros quesitos, como por exemplo, através dos marcadores sociais de diferença como a raça/etnia, classe social, identidade de gênero/sexualidade, geração e estilos de vida.

A sociabilidade em espaços de consumo acarreta duas especificidades: sua propriedade integrativa e comunicativa; dessa forma, não é uma atividade individual

¹ Mestrando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFBA. E-mail: lipeca12@gmail.com

que, em certa medida, precisaria ser entendida como um fenômeno cultural (PRATES, 2005). No entanto, alguns trabalhos que estudaram locais de sociabilidade pública, a exemplo da praia no Rio de Janeiro, (FARIAS, 1999 *apud* REZENDE, 2005) concluem que há limites na afirmação desses espaços como locais onde a integração é garantida; assim como pesquisas em boates para gays em São Paulo observam como os marcadores sociais de diferença constroem zonas de ocupação dos espaços nessas festas (FRANÇA, 2007a, 2007b; SIMÕES 2010).

Pensando o mercado de bens e serviços que passa a se constituir por/para homossexuais no Brasil no final do século passado, podemos compreendê-lo como fomentador de identidades, fazendo circular imagens e referências que disputam com o modelo homossexual desenvolvido pelo movimento social, que no Brasil, emergente na década de 1970, e que tem como principal mote de luta a busca por uma identidade homossexual, a qual pudesse ser acessada à medida que a necessidade de diferenciação e afirmação fosse necessária (FACCHINI, 2005).

Os estudos feitos nos espaços de sociabilidade para gays no Brasil tendem a observar como se dão as relações nestes espaços tendo em vista o relacionamento entre diversos marcadores sociais de diferença e sua implicação na construção das identidades. Segundo Piscitelli (2008), esses locais de lazer e sociabilidade são terrenos férteis onde se materializam visões de si e do outro; estando os sentidos constituídos por e para aqueles espaços, e uma vez ali, são projetados para fora, borrando o cotidiano que está além dos momentos de lazer nesses locais. Esses estudos também confirmam a ideia de que há relações de poder no contexto das sociabilidades, operando através destes marcadores citados (SIMÕES, 2010).

Essas relações de poder estão pautadas numa hierarquização dos estilos de ser gay nesse circuito, sendo essa observação possibilitada através da análise do entrecruzamento entre os diversos marcadores sociais de diferença que habitam esses locais (FRANÇA, 2007).

Em Salvador, os locais de lazer e sociabilidade gay parecem participar de uma dinâmica própria. Tem-se percebido que esses espaços possibilitam o encontro de uma ampla diversidade de homossexuais, distintos nos quesitos de classe/renda, raça/cor, origem, identidade de gênero, geração e estilos, e que talvez a segmentação nesses locais não seja a característica mais marcante na sua composição; o que nos faz

questionar se, de algum modo, o contato entre esses marcadores ocorre de forma peculiar, se comparado com outros contextos de pesquisa.

Esta pesquisa pretende, a partir dos espaços de sociabilidade configurados com a presença marcante de homossexuais, observar qual a dinâmica das interações nesses locais e qual o impacto dessas relações no cotidiano dessas pessoas.

O que é sociabilidade gay no Brasil?

As abordagens que buscam desnaturalizar os domínios da vida social abriram o campo de estudo da sexualidade nas ciências sociais. Tem-se também a possibilidade de se pensar a sexualidade de maneira mais ampla, de forma a constituir as relações sociais, uma vez que a sexualidade já não mais pertence somente à esfera da intimidade e do privado, permitindo que se estabeleçam conexões entre sexualidade e política, economia, ou religião, dentre outras diversas (GIDDENS, 1993; PISCITELLI, 2005; FRANÇA, 2007).

A literatura que aborda a sexualidade nas ciências sociais no Brasil, sobretudo na Sociologia e Antropologia, data da década de 1950, com trabalhos sobre sociabilidade (SILVA, 1959; FRANÇA, 2005; FACCHINI, 2005; SIMÕES, 2010), identidade (GUIMARÃES, 1977), militância/política (MACRAE, 1983) estigma/hierarquia (FRY, 1985). No entanto, para efeito de elucidação das questões centrais da pesquisa, os trabalhos que tem como *corpus* de observação a sociabilidade nos espaços conformados para não-heterossexuais ganham importância ao passo que contribuem no entendimento da construção da interação social e do que essa interação representa aos seus envolvidos.

José Fábio Barbosa da Silva (1959), em seu trabalho intitulado “*Aspectos do homossexualismo em São Paulo*” conclui que a homosociabilidade na cidade de São Paulo operava à época, a partir de marcadores sociais de diferença que se entrecruzavam quando do contato desses indivíduos nesses espaços conformados por e para homossexuais. A existência do homossexual só era possível a partir desses espaços pois possibilitavam a reunião de muitos envolvidos numa mesma identidade, ligada aos desejos desviantes.

A identidade reivindicada pelo movimento homossexual brasileiro emergente no final da década de 1970 esteve pautada numa constante preocupação de positivação da imagem do homossexual como um sujeito de bem, aproximando-se do heterossexual à medida que não se problematizava essa condição (MACRAE, 1983). Ao longo da década de 1980, os conflitos existentes dentro do movimento social paralisaram por algum momento a discussão e a afirmação de uma identidade positivada, sobretudo devido ao surto da AIDS, e a vinculação da homossexualidade ao vírus.

A década de 1990 possibilita duas questões importantes no que diz respeito ao debate sobre as sexualidades no país. Em um primeiro momento o movimento homossexual passa a trabalhar sistematicamente na problemática da representação positiva do homossexual², e em um segundo momento, sua vinculação ao Estado, o coloca numa militância muito mais focada na esfera institucional. Paralelo a isso, observou-se um grande crescimento do mercado de bens e serviços voltados aos gays e lésbicas, que passam a ser identificados através da sigla, eminentemente comercial, GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) (FRANÇA, 2005).

Esse mercado em crescente ascensão se tornou, em pouco tempo, um dos formadores de identidades, operando a partir do “ser homossexual” constituído via militância organizada. Desse modo, o que une movimento social e o mercado segmentado para homossexuais é a sua capacidade de promoção de identidades, mesmo que por vias distintas e com resultados também distintos (RAMOS & CARRARA, 2006).

Se em 1980, a militância separava de forma contundente o lazer do político, na década seguinte tornou-se quase que impossível essa dissociação. Os espaços de sociabilidade passaram a incorporar um discurso e uma atuação política; o orgulho em ser gay e o apreço à visibilidade borrou as fronteiras entre o político e o lúdico. Esse fato, a meu ver, pode ser entendido como uma forma de ser fazer política através do cotidiano. O fazer política despossuído dessa carga partidária e institucional a que se remetem quando se pensa os termos da Política.

Isadora Lins França (2005) observa o surgimento desse mercado e o seu diálogo com o movimento social, mas atenta para as implicações das construções dessas identidades que estão dispostas de forma hierarquizadas. Essa hierarquização pode ser

² Essa afirmação pode ser observada nas práticas de militantes como o antropólogo e professor Luiz Mott, que dizia “É legal ser homossexual”.

compreendida se entendermos, primariamente, que o consumo é uma arena na qual se constroem, afirmam e deslocam identidades (FRANÇA, 2007).

O surgimento da “cena gay” conformou um estilo de vida gay, que esteve sempre associado a um público “moderno”, que se interessaria por arte, música e culinária, conectado à última moda, freqüentador da noite e dos costumes globalizados através da mídia. Mas na configuração dessa “cena gay”, o mercado não absorveu como um todo os espaços de sociabilidade conhecidos na década de 1980, que naquela época eram conhecidos como guetos – local privilegiado de afirmação identitária e luta política. Essa especificidade gerou espaços de sociabilidade homossexuais segmentados através das identidades que se pautavam no estilo de vida gay. Desse modo, percebeu-se o surgimento de espaços legítimos e não legítimos de freqüência homossexual.

Em Salvador, tem sido possível observar uma dinâmica que se assemelha às observadas em estudos realizados nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, ao mesmo passo que se diferencia, mostrando nuances específicas no que tange a sociabilidade em espaços comerciais para homossexuais em Salvador.

A semelhança é observada no que diz respeito a segregação orientada pela dinâmica de interação nesses espaços, entretanto podemos perceber a diferenciação de realidades uma vez que nestes espaços o encontro entre identidades, estilos, classes/renda, raça/etnia, geração, sexualidades é mais presente do que em outros contextos brasileiros³. Ainda que não saibamos os motivos que orientam essas supostas observações, acreditamos que essa diferença encontre respaldo argumentativo na idéia de que Salvador é uma cidade onde a mistura propiciada pela sua formação histórica, permite o encontro de diferentes em diversos espaços da cidade. Além disso, a localização desses espaços, os seus tipos, os ritmos musicais, a escassa variedade, e até mesmo os preços, permitem um encontro freqüente entre os diferentes.

No entanto essas são considerações que impulsionam o interesse pela pesquisa etnográfica nestes locais, agregando importância a este projeto de estudo, como meio para a observação mais detida desta realidade e possibilidade de análise.

Sobre os atuais estudos que abordam a sociabilidade no Brasil, temos a desmistificação do mito da “brasilidade”, ancorado nas abordagens de ensaístas e

³ Essa observação tem sido realizada no âmbito do projeto “*Visibilidade de corpos gendrados e seus desdobramentos políticos cotidianos*”, citado acima.

cientistas sociais desde o início do século passado. A idéia de que o brasileiro saberia conviver harmoniosamente com a diferença é problematizada em alguns trabalhos (FARIAS, 1999; REZENDE 2005, KULICK, 2008).

A origem da noção de convivência harmônica pode ser percebida desde a *História Geral do Brasil* de Francisco Adolpho de Varnhagen, livro encomendado pelo governo brasileiro no século XIX, consolidando-se no chamado mito da brasilidade, ou seja, a representação do Brasil como nação harmoniosa, pautada numa democracia racial e que saberia viver em comunhão com a diferença que lhe era típica devido à colonização. Assim, as obras de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, reafirmaram o caráter positivo⁴ de nossa nacionalidade. Posteriormente, Roberto DaMatta, juntando elementos destes dois autores, pode ser citado como um dos elaboradores contemporâneos de concepções que tratam do comportamento do brasileiro em contextos públicos e privados.

O próprio brasileiro busca na constituição de sua identidade reelaborar essas noções através da música, do teatro, do cinema etc. Don Kulick (2008), em sua introdução do livro "Travesti" afirma que o brasileiro criou o mito da brasilidade na tentativa de se convencer e convencer aos demais que é um povo mais tolerante, moderno e liberal, que saberia conviver com o diferente cotidianamente.

Já Claudia Rezende Barcelar (2001), em seu trabalho sobre o encontro entre “nordestinos” e “carioca”, aponta os limites dessa suposta sociabilidade tolerante, em um estudo etnográfico na Feira de São Cristovão, no Rio de Janeiro. Para a pesquisadora fica evidente a diferença entre o “nordestinos” e cariocas” no momento em que se define os modos de dançar de cada grupo, e conclui que a sociabilidade, mesmo buscando a confraternização, não deixa de ser perpassada por dinâmicas de diferenciação social e relações de poder. De forma que o brasileiro não estaria a parte desse processo na elaboração de sua sociabilidade cotidiana.

O projeto visa observar a sociabilidade constituída a partir do encontro de diferentes em contextos que os qualificam como iguais, ou seja, em espaços tidos popularmente como “para gays” e “locais gays”. Mesmo quando se pensa a sociabilidade como atividade lúdica entre equivalentes, temos de levar em

⁴ Buarque de Holanda não irá ressaltar apenas o caráter positivo.

considerações aspectos que recortam transversalmente as realidades (interseccionalidade), operando distinções e produzindo hierarquias.

Seguindo além dos trabalhos descritos até aqui e de outros que contribuíram para as reflexões sobre a problemática suspensa, este projeto pretende observar traços da sociabilidade de soteropolitanos, a fim de problematizar alguns mitos dessa brasilidade enraizada em nossa cultura, e da qual Kulick (2008) trata com mito de afirmação positiva. Será possível também a comparação entre estudos sobre sociabilidade em espaços de lazer para homossexuais no restante do país. Contribuindo para o diálogo entre núcleos de pesquisas e grupos de pesquisa, tanto na região nordeste, que se encontra em constante atualização e crescente surgimento, com os já consolidados grupos no restante do país.

Referências

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos:** conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2001.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativos, quantitativos e mistos. Tradução Magda Lopes. 3. Ed. Porto Alegre, Artmed, 2010. 296 p.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos bens: para uma antropologia do consumo.** Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2004.

FACCHINI, Régina. **Sopa de letrinhas?** Movimento Homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro, Garamond, 2005. 299 p.

FARIAS, Patricia Silveira de. **Pegando cor na praia:** relações raciais e classificações de cor na cidade do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

FRANÇA, Isadora Lins. Identidades coletivas, consumo e política: aproximação entre mercado GLS e Movimento GLBT em São Paulo. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 289 – 311, jul./de. 2007.

_____. Sobre guetos e rótulos: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. **Cadernos Pagu**, 2007, p. 227 – 256.

FRY, Peter. **Para inglês ver:** identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar editora. 1985.

GEERTZ, Clifford. **A mitologia de um antropólogo.** Entrevista com Victor Aiello Tsu. Folha de São Paulo. Caderno Mais!, 18 de fevereiro de 2001, p. 4-8.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1993. 228 p.

GUIMARÃES, Carmem Dora. O homossexual visto por entendidos. Rio de Janeiro, Ed. Garamond, 2004. 111 p.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber:** manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução Lana Mara Siman. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 337 p.

KULICK, Don. **Travesti:** prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 2008, 280 p.

MACRAE, Edward. **Em defesa do gueto**. Novos Estudos, Rio de Janeiro, 1983.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação na experiência de imigrantes brasileiras. **Sociedade e cultura**, n. 11, 2008.

PRATES, Adriana. **Homossexualidade, modernidade, consumo e hierarquia**: um estudo sobre a identidade na contemporaneidade. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Orientador: Prof. Dr. Edson Farias.

RAMOS, Silvia. CARRARA, Sérgio. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. **Physys Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2006.

REZENDE, Cláudia Barcellos. Os limites da sociabilidade: cariocas e nordestinos da Feira de São Cristóvão. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 28, 2001, p. 167 – 181.

SIMÕES, Júlio. Marcadores de diferença na “comunidade LGBT”: raça, gênero e sexualidade entre jovens no centro de São Paulo. In: Colling, Leandro (org.). **Stonewall 40+ o que no Brasil?** EDUFBA, 2011, p. 157 – 174.

SILVA, José Fábio Barbosa. Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo, **Sociologia**, n. 4, São Paulo, 1959.

PERLONGHER, Néstor. Etnografia das margens. In: _____. **Negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 63 – 86.